

## **Lues venerea em foco: Implicações sociais da sífilis no interior baiano (1930-1940)**

Ricardo dos Santos Batista \*

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar as implicações sociais da sífilis em Jacobina, contextualizando a cidade em algumas características comuns ao interior baiano nas primeiras décadas do século XX. A repulsa às prostitutas, principais responsabilizadas pela transmissão da doença, a perseguição às práticas de cura não oficiais como a dos curandeiros e parteiras que afrontavam os médicos, e o silêncio em torno da doença levam ao pensamento de que a moralidade fez com que agentes sociais se manifestassem de diversas maneiras contra a sífilis.

**Palavras-chave:** Sífilis, discursos morais, Bahia

### **Abstract**

This research aimed to analyze the social implications of the syphilis in Jacobina city, contextualized by the common characteristics to the interior of Bahia State in the first decades of XX century. Social repulse to prostitutes, considering the major responsible by the transmission of the illness, the persecution to non official methods of cure official practiced mainly by healers and midwives who faced the physicians, and silence around the illness lead us to think that the morality made social agents showed off in many ways against the syphilis.

**Keywords:** syphilis, moral speeches, Bahia

O estudo das doenças numa perspectiva histórica é algo relativamente novo. Silveira & Nascimento mostram que em 1970 Jacques Revel e Jean-Pierre Peter incluíram a doença numa coletânea dedicada aos novos objetos da história, afirmando que o estudo desse objeto podia fornecer diversos esclarecimentos sobre as transformações na sociedade. Recentemente percebe-se que existe uma historicidade nas doenças ligada a todos os acontecimentos do ser humano, e que assim como a história, a doença, enquanto fenômeno social, também é uma construção (Silveira, & Nascimento, 2004, p. 13). Le Goff afirma que a doença pertence à história, em primeiro lugar, porque ela não é mais do que uma idéia, um certo abstrato numa complexa realidade empírica (Lê Goff, 1997).

Este trabalho tem como objetivo analisar as implicações sociais relacionadas à uma doença específica: a sífilis, na cidade de Jacobina – Ba, que reflete uma realidade semelhante a

---

\* Aluno do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado da Bahia, Bolsista de mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia – FAPESB.

diversos municípios do interior baiano, marcados especialmente pela moralidade e pelo medo do estigma que a doença acarretava. As principais fontes utilizadas são as teses da Faculdade de Medicina da Bahia, que revelam de que forma o pensamento científico entendia doença, O Jornal *O Lidador* que mostra notícias do cotidiano Jacobinense e possibilita captar indícios de como a sociedade se posicionava frente à doença, e os atestados de óbito do Arquivo Público Municipal de Jacobina, que trazem algumas informações sobre as pessoas falecidas no período, como o sexo, idade, estado civil, e a *causa mortis*.

Por muito tempo a sífilis foi chamada de *Lues Venerea*. O termo *lues* é derivado do latim e significa praga ou epidemia. A *lues venerea* era considerada, portanto, uma *praga sexual*, visto que, ainda quando não se conhecia o motivo causador da doença, os sintomas mais observados eram as manifestações nos órgãos genitais.

A origem geográfica da sífilis ainda hoje é muito discutida. Para diversos autores, a exemplo de Else Dias de Araújo Cavalcanti, a doença só teria surgido como um objeto mais ou menos identificável a partir do século XV (Cavalcanti, 2003. p. 19), contudo os médicos da Faculdade de Medicina da Bahia apontam para uma origem bem mais remota.

Somente em 1530 o médico Jerônimo Fracastoro conseguiu nomeá-la com um termo que se tornou então aceito por todos: sífilis (Amaral, 1966, 229-230). Em seu poema *Siphilis sive morbus gallicus* (Sífilis ou doença francesa), o autor escreveu a lenda de um pastor chamado Siphilus, que foi castigado pelo deus Apolo por idolatria a um ser humano, e que teria, portanto, sido a primeira vítima do mal que se disseminaria por todo o mundo posteriormente. Fracastoro foi o primeiro a apontar a característica contagiosa da doença, que só viria a ser comprovada na segunda metade do século XIX com a teoria bacteriana. Ele defende que a doença teria surgido no século XV, na Europa Meridional, mais especificamente na Itália. Com o aumento do número de infectados e com o alastramento dos desagradáveis sintomas causados pela moléstia, o interesse pelo local onde a mesma teria surgido fez com que várias explicações despontassem na busca de um “culpado” por seu aparecimento. É possível afirmar que nenhuma outra doença provocou tão acirradas disputas em relação ao seu local de origem quanto a sífilis. Por ter sido uma das mais estigmatizantes doenças humanas, nenhum povo ou nação aceitava de bom grado ser apontado como seu berço, “privilégio” que sempre se reservava aos inimigos (Carrara, 1996a, 393).

No debate relacionado à origem, diversas hipóteses surgiram para tentar explicar onde a sífilis surgiu. Uma delas denomina a doença como mal americano, pois pensava-se que ela teria surgido com os habitantes da América no período pré-colombiano. Gilberto Freire ajuda a desconstruir essa hipótese ao afirmar que o Brasil teria sido antes sifilizado e somente

depois civilizado, e que isso se deveu à ação dos primeiros povoadores que haviam contaminado grande parte da população (FREYRE, 1995, p. 47). Carrara concorda com essa posição ao afirmar que se a doença era concebida como fruto de uma geração espontânea, a partir da sexualidade pecaminosa e/ou excessiva, não havia explicação plausível para se acreditar que ela fosse desconhecida na antiguidade, visto que, nessa perspectiva, o pecado havia nascido com o mundo e o excesso sexual não era uma prerrogativa dos índios americanos (CARRARA, 1996a. p. 393).

Muitos do se convenceram de que a doença foi levada à Itália na invasão deste país pelas tropas francesas de Carlos VIII, rei da França, contra Fernando II, rei de Nápoles, denominaram-na *mal francês* ou *mal gálico*. Deste modo, a sífilis teria se espalhado por diversos países da Europa. Entretanto, numa tentativa de reverter o quadro, os franceses procuraram se isentar da origem e disseminação da moléstia e atribuíram-na à Itália. Caracterizaram-na como *mal napolitano* (Araújo Filho, 1917, p. 2-3).

Mal gálico, mal napolitano, mal americano, *lues venerea*, sífilis... Foram muitas as nomenclaturas para a mesma moléstia. Moléstia essa impregnada de conotação negativa, que não possuía simpatia por parte de nenhuma nação. Pelo contrário, era repugnada por todos aqueles que hipoteticamente pudessem ser seus criadores. Essa busca por isenção de responsabilidade não aconteceu ao acaso, esteve ligada a um fator muito difundido na sociedade ocidental: a moralidade.

A sífilis é uma moléstia que por muito tempo esteve ligada a princípios morais e freqüentemente concebida como um castigo para os pecados da carne. A sexualidade é um tema que perpassa os diversos níveis da sua discussão. O pensamento médico do século XIX, por exemplo, difundia que o sexo deveria ser mantido sob um estrito regime de raridade e que os perigos do abuso sexual, principalmente para os homens, poderiam acarretar grandes problemas ao organismo humano, como a loucura e/ou suicídio. Para a medicina, a perda contínua do “precioso” líquido seminal, a perversão dos sentidos através do seu exercício continuado e a excitação da imaginação em busca de um prazer, apenas agravavam o quadro de esgotamento apresentado pelos amantes dos prazeres da carne (Carrara, 1996, p. 30). Para Michel Foucault, desde Hipócrates, acreditava-se que o ato sexual arrancava do corpo uma substância que é capaz de transmitir a vida. O ser vivo, ao expulsar seu sêmen, se priva de elementos que são de grande valia para sua própria existência (Foucault, 1985, p. 118).

Observa-se, assim, a importância que era dada ao sêmen, na medida em que se acreditava que a “vida” existente nele impedia que o mesmo fosse desperdiçado em atos que não estivessem ligados à procriação. Muitos médicos defendiam que o abuso dos atos sexuais

era uma causa imediata e suficiente da sífilis (Carrara, 1996b. p. 32). A repetição constante dos atos sexuais estava relacionada à perversão sexual e à libertinagem. A influência da moral religiosa no período se encontra explícita nesse discurso.

Assim, com esse histórico ligado a preceitos morais, o pensamento em torno da sífilis consegue chegar ao interior baiano nas primeiras décadas do século XX impregnada dessas características no imaginário da população.

As páginas de propaganda do jornal *O Lيدador* se encontram repletas de medicamentos que prometiam a cura para a sífilis, a exemplo do Elixir 914 e Elixir de Nogueira, o que possibilita pensar que a incidência da doença era muito grande. Em diversos casos, os próprios médicos escreviam nas páginas de propaganda, recomendando a compra dos medicamentos, atestando o caráter dos responsáveis pelo preparo dos elixires. A propaganda de medicamentos, portanto, foi algo notável em Jacobina, mas em diversos outros lugares do interior da Bahia também. José Gomes Temporão afirma que a sífilis estava presente como entidade médica pronta a ser combatida por inúmeros preparados, sendo que, em alguns lugares do país a propaganda tomava as feições mais variadas. (Temporão 1986. p. 58).

Contudo, é necessário perceber que estes preparados não proporcionavam a cura para a doença, visto que a penicilina foi descoberta em 1928, mas só produzida em larga escala a partir da década de 1940.

Ao analisar os atestados de óbitos do período no Arquivo Público Municipal de Jacobina, pôde-se perceber a quase inexistência de registros de sífilis como *causa mortis*. A divergência entre essas fontes, junto a outros fatores percebidos no cotidiano da cidade, possibilita pensar que a incidência de sífilis foi bem maior do que se constata na documentação oficial.

Percebe-se assim um silêncio que gira em torno da doença. Porque tanta propaganda, e porque tão poucos sujeitos são identificados com sífilis como *causa mortis*? É possível pensar em uma série de discursos morais predominantes no meio social. A partir de toda a caracterização da doença já feita, é bem provável que as famílias conservassem uma mácula que não permitia que pessoas de parentesco tivessem gravada a marca da doença nos seus óbitos.

Silva, ao analisar os óbitos da Cúria Diocesana de Feira de Santana, também constatou a quase inexistência da doença na cidade (Silva, 1999, p. 108). É necessário destacar que Feira de Santana possuía, guardadas as devidas proporções, características interioranas semelhantes à Jacobina, além de um discurso em prol da modernidade e do desenvolvimento

da cidade. Para o autor, os elementos integrantes da sociedade fundamentavam prestígios sociais e políticos em fortes tradições familiares evocadas e reconhecidas perante o corpo social. Assim, o nome da família estaria constantemente associado às vítimas do mal degradante, justificando a busca pelo silêncio em torno da doença.

Foram analisados 1.055 atestados, sendo que apenas 42 foram diagnosticados como *causa mortis* sífilis, o que corresponde a apenas 4% dos óbitos totais. Essa fonte possibilita-nos pensar diversas questões ligadas ao gênero e à classe. A diferença entre óbitos por sexo, por exemplo, foi pequena. Tanto nas causas gerais, quanto nas mortes específicas por sífilis (52% homens e 48% mulheres), percebeu-se que homens e mulheres faleceram em número semelhante.

A década de 1930 foi o momento auge da exploração do ouro na cidade de Jacobina, visto que, nesse período, ocorreu a abertura à grande exploração do minério na cidade. No ano de 1934, se anunciava a autorização para pesquisa e extração do ouro a particulares no leito do rio Itapicurú, que cortava a cidade, a partir da sua nascente. Do mesmo modo, incentivava-se a organização da sociedade para o mesmo fim (*O Lidador* nº 29 de 23 de março de 1934. p. 1). O jornal *O Lidador* divulgava as riquezas, esperanças e venturas proporcionadas pelo surgimento do ouro na região jacobinense, assim como o ar puro e saudável das montanhas para os trabalhadores. Essa propaganda funcionava como atrativo às pessoas, visto que a crise social havia sido agravada por uma grande seca que ocorreu na Bahia no início dos anos 30, flagelando grande parte do território, aprofundando a crise agrária e fazendo crescer o número de desempregados no campo (Sampaio, 1994, 41-42), o que favoreceu a migração para a região.

Com o aumento de forasteiros multiplicou-se também o número de prostíbulos e de prostitutas, estas que viriam tornar-se as principais acusadas da transmissão da doença. Uma das implicações sociais da sífilis nesse contexto foi uma explícita repressão aos prostíbulos, visto que o pensamento médico da Faculdade de Medicina da Bahia<sup>1</sup>, que chegava a Jacobina através dos jornais, acusava as prostitutas de serem as principais disseminadoras da doença. Em notícia, foram apontadas as freqüentes queixas feitas pelos jacobinenses ao delegado de polícia Capitão Antônio Rocha Passos, solicitando que medidas fossem tomadas para o fechamento dos cabarés, com destaque para um que funcionava nas imediações da Igreja da Conceição, já que para a comunidade era inadmissível que houvesse um estabelecimento dessa natureza, situado no “coração da cidade” (*O Lidador* nº 51 de 24 de Agosto de 1934).

---

<sup>1</sup> Conferir as teses de Rocha, 1906 e Leite, 1893, que apesar de serem produzidas um pouco antes do recorte cronológico ainda tinham muita influência no pensamento médico.

Destaca-se que não foi registrado “prostituta” como profissão para as mulheres. Os atestados de óbito apontam que as mulheres jacobinenses aparentemente não se lançaram na tendência feminista<sup>2</sup>, ou se encontravam completamente excluídas do espaço público, levando em consideração que foi registrada como profissão para a maioria das falecidas, “dona de casa”. As raríssimas exceções de outras profissões também estavam ligadas a elementos do que se considerava *mundo feminino* na época, a exemplo de cozinheira e costureira, com exceção de uma funcionária federal e uma ajudante de tipografia. Apesar disso, não se pode desconsiderar o quanto as mulheres populares atuaram no espaço extracasa, o que desfaz o discurso generalizante das mulheres situadas apenas no espaço privado. Um grande exemplo foi dado pelas lavradoras, que enfrentavam uma jornada dupla de trabalho, batalhando na roça, junto a seus maridos, para garantir uma melhoria na renda familiar, e em casa, cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. As lavadeiras, constantemente advertidas de que não podiam estender roupas nas cercas dos currais municipais (*O Lيدador* nº 312 de 07 de janeiro de 1940), também tiveram papel de destaque no espaço urbano. Ferreira Filho cita casos de várias mulheres pobres baianas, a exemplo de Águida Maria Bonfim, que precisaram trabalhar fora de casa para comprar suprimentos para a família (Ferreira Filho, 2003, p. 19). Em contraposição à escassez de registros sobre profissões diversas femininas na cidade de Jacobina, havia padeiros, pedreiros, lavradores, operários, garimpeiros, ourives, fazendeiros dentre muitas outras formas de trabalho ocupadas pelos homens. Nota-se ainda que a classificação das mulheres como domésticas, também revela a tentativa de uma demonstração de poder aquisitivo, tendo em vista que os homens possuíam profissões de níveis sociais diferentes e conseqüentemente status diferenciados na sociedade.

Constata-se além disso, que em nome da moralidade, existia todo um discurso repressivo contra as mulheres, na tentativa de impedi-las de ocupar o espaço urbano, e percebe-se que as prostitutas eram utilizadas como um limite para as mulheres consideradas decentes. O jornal ditava normas de comportamento para que as mulheres não se aproximassem da figura “disseminadora da doença” representada pela prostituta:

(...) A que se balanceia, para um e outro lado, não conhece a modéstia nem ao menos pelo avesso – A que pela rua vae mirando a cauda do vestido, os pés, as mangas, e a ponta do nariz entornando a vista, é presumida e não serve pra nada. – A que anda simplesmente, e só olha quando necessário, sem fixar demasiadamente, e que não anda depressa nem devagar, nem direita nem curvada, nem leva no vestuário muitos

---

<sup>2</sup> O feminismo é usado aqui para indicar o movimento das mulheres no início do século XX, que se configurava principalmente na reivindicação por direito ao voto e à mesma educação dos homens. Para mais informações Cf. ANDRADE, Cláudia Vieira. **Mulheres de Elite em movimento por direitos políticos: o caso de Edith Mendes da Gama e Abreu**. Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC, 2002. p. 12.

enfeites, nem dá gargalhadas na rua, nem vae tão séria que assuste, nem tão alegre que faça rir, é modesta, dócil, delicada pundonorosa e honesta. Finalmente, é uma mulher as direitas”. Ramalho Ortigão (*O Lidador* nº 61 de 02 de Novembro de 1934)

Outro aspecto relevante e ligado à classe percebe-se em parte dos atestados. Muitos deles não possuíam todos os dados preenchidos, e no final destes, se encontrava constantemente a inscrição “sem assistência médica”, o que indica que a cidade possuía escassa atuação dos médicos. Contudo, os atestados de pessoas de elevada posição social, como comerciantes de ouro e fazendeiros – que através de suas profissões deixavam transparecer o privilégio social e/ou poder aquisitivo que possuíam – eram preenchidos de forma completa, com caligrafia bem mais trabalhada e não registravam a ausência de médico na hora da morte. Assim, pessoas que mantinham status na sociedade, ao menos pela profissão que exerciam, recebiam tratamento diferenciado no registro da morte.

Por causa da escassez de médicos em Jacobina, curandeiros e parteiras eram procurados com frequência, mas havia uma forte repulsa dos médicos às práticas de cura não oficiais. Já no ano de 1933, *O Lidador* publicava uma notícia dedicada a gestantes e parturientes, mostrando o alto custo que a Faculdade de Medicina tinha para formar profissionais, e alertando para a prática desigiênica das aparadeiras que constantemente fumavam cachimbo no quarto onde executavam partos (*O Lidador* nº. 10 de 10 de novembro de 1933). O texto alertava para as grandes chances de morte em partos conduzidos por aparadeiras, na tentativa de fazer com que as gestantes do município procurassem apenas os médicos. Em 1934 foram denunciados um curandeiro de nome Samuel e sua filha, moradores do arraial de Riachão, por desenvolverem práticas de candomblé no referido lugar (*O Lidador* nº 41 de 15 de junho de 1934). Nesse período, a imprensa nem sempre se restringia a apenas noticiar a presença e envolvimento dos curandeiros com a polícia – aliás, quase nunca fazia isso. A notícia publicada pelo jornal se encontrava impregnada de adjetivos depreciativos como malfeitores e macumbeiros, com o objetivo de tentar convencer o leitor que aquela atividade era algo negativo e buscando incitar as pessoas a não procurar profissionais como Samuel, quando doentes.

Ainda em relação à classe, verificou-se que entre os homens contaminados por sífilis, só puderam ser encontradas pessoas simples, como pedreiros, lavradores, desempregados e um padeiro. Nenhum homem da alta sociedade possuiu registro de sífilis como causa mortis. Mas será que nenhum deles realmente morreu contaminado com a doença?

Valverde, enquanto médico integrante da cadeira de Sifilografia e Dermatologia da Faculdade de Medicina da Bahia, fornece um dado indispensável para responder essa indagação:

Dir-nos-ão que as estatísticas provam claramente que a tuberculose produz maior numero de vitimas, o que não é para admirar, visto como raramente se vê um attestado medico, relativo á causa mortis, em que se leia a palavra - siphylis ! Mas, porque? E' que a syphilis não mata somente com esse nome; é assim que centenas de cirrhoticos e nephriticos devem sua morte a ella (Valverde, 1906. p. 26).

As pessoas de boa posição social tiveram registrado como causa mortis colapsos cardíacos, nefrites agudas, insuficiências aórticas, derrames cerebrais, dentre outras doenças. Teoricamente, ninguém teria morrido por sífilis. Mas a partir da afirmação de Valverde, e do conhecimento sobre a terceira fase da doença, que compromete órgãos como coração, cérebro e as artérias, é muito possível que a presença da sífilis em Jacobina tenha sido muito mais marcante do que a sociedade revelou e as fontes oficiais apontaram. Haveria o intuito de não registrar sífilis na causa mortis por medo da rejeição social? É um questionamento a ser refletido.

É preciso ressaltar ainda que, dos 42 casos de sifilíticos, 13 ocorreram em crianças. Assim, sabe-se que ao menos as mães dessas crianças estavam contaminadas, o que acresceria o número de contágio na cidade. Foram registrados 5% de óbitos por debilidade congênita, que como já foi mencionado, pode ter sido causado pelo alto índice de desnutrição entre as gestantes. Contudo, a sífilis pode ter representado uma parcela significativa dessas mortes, visto que quando a mulher adquire sífilis na gravidez, pode ocorrer aborto espontâneo, morte fetal, fetos hidrópicos e deformações diversas (Brasil, 1990, p.50).

Percebe-se assim uma rede de discursos morais na sociedade que acaba por perseguir as prostitutas, acusadas de transmitir a doença, os que desenvolviam práticas de cura não oficiais já que “ameaçavam” o trabalho dos médicos, e legitimava o silêncio em torno da doença nas fontes. Burke afirma que o silêncio é, em si, um ato de comunicação carregado de significados (Burke apud Cavalcanti, 2003, p. 1). E o silêncio em torno da sífilis com certeza foi para aquele povo uma forma de comunicar a rejeição a algo que eles de fato não queriam em seu meio.

#### **Fontes:**

ARAÚJO FILHO, G. C. **Da Prophylaxia da Syphilis**. 1917. 75 f. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1917.

LEITE, J. P. **Conseqüência para a mulher do casamento de um syphilitico – Transmissão da syphilis pelo casamento**.1893, 171 f. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador 1893.



Jornal O Lidador

O LIDADOR (1933 a 1940). Núcleo de Estudos Orais Memória e Iconografia – NEO. Jacobina – Bahia. Mídia Digitalizada.

ROCHA, J. C. **Syphilis e Casamento**.1906. 141 f. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador 1906.

VALVERDE, B. de L. **Influência da Syphilis na Sociedade**. 1906. 85 f. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1906.

### **Referências Bibliográficas**

AMARAL, Afrânio do. **Sífilis: moléstia e têrmo através da história**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1996. 309 p.

ANDRADE, Cláudia Vieira. **Mulheres de Elite em movimento por direitos políticos: o caso de Edith Mendes da Gama e Abreu**. Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC, 2002 p.1-118

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 1999. 142p.

CARRARA, Sérgio. "A geopolítica simbólica da sífilis: um ensaio de antropologia histórica". **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, 1996. p. 391-408.

\_\_\_\_\_, Sérgio. **Tributo a Vênus: A luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. 339 p.

CAVALCANTI, Else Dias de Araújo. **A sífilis em Cuiabá: saber médico, profilaxia e discurso moral (1870-1890)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, 2003.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Quem pariu e bateu, que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza**. Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB, 2003.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade**, v. III: O Cuidado de Si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

JESUS, Zeneide Rios de. **Eldorado Sertanejo: Garimpos e Garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)**. Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 2005.

LE GOFF, Jaques. **As doenças têm história**. 2. ed. Lisboa: Terramar, 1997.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de. **Uma história**

**brasileira das doenças.** Brasília: Paralelo 15, 2004.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Poder e Representação: O Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937.** Salvador: Assembléia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1994. p. 31-56.

SILVA. Aldo José Moraes. A percepção da moral oitocentista através dos registros eclesiásticos de óbitos – elementos para uma história cultural da saúde pública em Feira de Santana. *Sitientibus*, Série Ciências Humanas. Feira de Santana, n. 21, p. 101 -116, jul/dez 1999. p. 101-116.